

A nova fase do capitalismo

Na década de 80, os países industrializados continuam enfrentando as consequências da crise que havia começado na década anterior. Foi a crise do modelo de desenvolvimento baseado na produção em massa (fordismo). São anos de intensa reestruturação capitalista, com distribuição desigual de seus resultados.

O ideário neoliberal ganha força com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética. As medidas adotadas dizem respeito à política em geral - com o Es-

tado mínimo e o fim da proteção social -, e também medidas econômicas, como um novo patamar de competitividade e a flexibilização do mercado de trabalho.

Esse quadro político-econômico cria condições para uma ofensiva anti-sindical e contra a organização dos trabalhadores, que são responsabilizados pela crise. Os governos neoliberais alegam que os reajustes de salários comprometem seus lucros e que a luta dos sindicatos restringe a ação das empresas.



Desemprego, o lado mais cruel do neoliberalismo

Maiores ofensivas vêm da Inglaterra e EUA

Inglaterra e Estados Unidos foram exemplares nessa ofensiva. Na Inglaterra, a primeira-ministra Margaret Thatcher conduziu uma ação de enfrentamento para destruir o poder sindical. O caso mais famoso foi o dos mineiros, que sustentaram uma greve por mais de um ano e saíram derrotados, permitindo a flexibilização do mercado de trabalho. Com isso, as negociações coletivas perderam força.



Reagan



Thatcher

Nos Estados Unidos, o governo Reagan também promoveu forte ação contra a organização dos trabalhadores. Para enfrentar a crise econômica, e também a concorrência estrangeira, as em-

presas norte-americanas se transferem para regiões como Leste Europeu e México, que oferecem vantagens fiscais, ao



Queda do Muro de Berlim impulsionou o ideário neoliberal por todo o mundo. Estado mínimo e precarização de direitos sociais

mesmo tempo em que promovem a reestruturação produtiva e a flexibilização das relações de trabalho.

No Brasil ocorreu movimento parecido provocado pela guerra fiscal incentivada por FHC.

O resultado acaba sendo uma enorme concentração de renda, precarização do trabalho e o aumento da pobreza.

Trabalhadores europeus resistem ao neoliberalismo

Já na Europa, a luta dos trabalhadores e sua união com forças políticas de centro-esquerda teve importante papel na definição dos rumos do desenvolvimento econômico, como na Alemanha, Itália, França e países escandinavos (Noruega, Finlândia, Dinamarca e Suécia).

Nesses países, o processo de reestruturação produtiva foi negociado, principalmente nas questões referentes à produção e organização do trabalho.

Mas o modelo de desenvolvimento baseado no neoliberalismo se consolida na Inglaterra e Estados Unidos nos anos 90.

Apesar da resistência do movimento sindical, é a-

presentado como modelo a ser seguido nos demais países desenvolvidos e na América Latina.

Na Europa, até hoje existe uma luta entre a política neoliberal e aquela que defende um Estado com ampla proteção social e relações de trabalho mais democráticas, com direitos fundamentais assegurados pelos trabalhadores.

Os movimentos sindical e social continuam se opondo à precarização do trabalho. O exemplo mais recente vem da França, onde os trabalhadores e estudantes fizeram o governo revogar o Contrato do Primeiro Emprego, o primeiro passo para a flexibilização dos direitos no país.



Luta dos trabalhadores franceses foi uma vitória contra a flexibilização de direitos

Tribuna Metalúrgica

Publicação diária do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

Redação: Rua João Basso, 231 - Centro São Bernardo - CEP: 09721-100 Fone: 4128-4200 - Fax: 4127-3244 www.smacb.org.br imprensa@smacb.org.br

Regional Diadema: Av. Encarnação, 290 - Piraporinha, Telefone 4066-6468 CEP 09960-010

Regional Santo André: Rua Senador Fláquer, 813 - Centro, Telefone 4990-3052 CEP 09010-160

Diretor Responsável: Sergio Nobre
Repórteres: Carlos Alberto Balista, Gonzaga do Monte e Silvio Berengani
Repórter Fotográfica: Raquel Camargo

Arte e Editoração Eletrônica: Eric Gaieta
CTP e Impressão: Simetal ABC Gráfica e Editora Fone: 4341-5810

FIQUE SÓCIO DO SINDICATO



Terça-feira
18 de abril de 2006
Edição nº 2153
ESPECIAL

1º de Maio de 2006 - 120 anos de luta

A luta pela democracia e a oposição ao neoliberalismo



O movimento por eleições diretas para presidente foi uma das maiores mobilizações sociais pela democracia nos anos 80



Anúncio da transferência da Maxon de São Bernardo para o Rio Grande do Sul. O desemprego foi o lado mais cruel dos anos 90, no auge do neoliberalismo

Os anos 80 são marcados no Brasil pelo fortalecimento das lutas sindicais que resultam em avanços para a democracia. Já nos anos 90 o movimento sindical trava uma luta de resistência contra o neoliberalismo e a precarização do trabalho, resultado da reestruturação produtiva. Esta é a terceira edição de uma série de quatro especiais da Tribuna Metalúrgica sobre o 1º de Maio.

Sindicato terá atividades dias 29 e 30

O Sindicato preparou uma série de atividades no último final de semana de abril, na Sede para comemorar o 1º de Maio. Participe e leve seus familiares!

Concurso de redação e desenho

Exposição, anúncio e premiação dos trabalhos do concurso de redação e desenho. Dia 29, a partir das 15h.

Homenagens e ato político

Personalidades que se destacaram na luta dos trabalhadores serão homenageadas. Dia 29, a partir das 17h.

Feira de artesanato e artes plásticas

Exposição e venda de peças de artesanato e artes plásticas feitas pelos trabalhadores. Barracas de comidas típicas. Dias 29 e 30, das 11h às 17h.

Meia-maratona dos trabalhadores

Corrida entre a Regional Diadema e a Sede do Sindicato, num percurso de 10 quilômetros. Inscrições abertas na Sede e Regionais, com valor de R\$ 5,00. Dia 30, com largada às 8h30.

Sindicatos retomam a luta nos anos 80

Os anos da década de 80 são de crescentes mobilizações da sociedade pela redemocratização do Brasil. O general Figueiredo havia assumido a Presidência em 1979 com a tarefa de controlar o processo de abertura política.

A partir do ABC as greves se espalham pelo País e cerca de 3 milhões de trabalhadores cruzam os braços em 15 Estados.

Economia e democracia

As greves são por salários. Mas, por desafiarem a legislação da ditadura militar, elas ganham uma dimensão maior e são inseridas na luta pela volta do Estado de Direito.

Em 1980, os canavieiros de Pernambuco se reorganizam e iniciam movimento

grevista que se alastra para outros Estados nordestinos, envolvendo cerca de 500 mil camponeses.

Grupos paramilitares ligados à linha dura das Forças Armadas boicotam a abertura política promovendo vários sequestros e atentados a bomba.

Liberdade

Nova crise do petróleo deteriora a política econômica e o ano termina com inflação de 110%.

Em julho de 1981, mais de mil delegados participam da primeira Conclat - Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, quando é formada uma comissão pró-CUT - Central Única dos Trabalhadores. Foi a primei-

ra reunião aberta de trabalhadores de diferentes categorias após o golpe militar.

É um ano de recessão e as greves que acontecem são contra as demissões e pela estabilidade no emprego. A crise econômica aumenta. A repressão e o terrorismo de direita também.

Greve geral

O 1º de Maio de 1982 pede o fim da Lei de Segurança Nacional, liberdade e autonomia sindicais, liberdades democráticas e reforma agrária.

Em 1983 o movimento sindical ousa fazer uma paralisação nacional, e mais de 1,5 milhões de pessoas aderem à greve geral do dia 2 de julho.



Assembleia de metalúrgicos no Estádio de Vila Euclides. A partir do ABC greves se espalham pelo Brasil no início dos anos 80

Trabalhadores se organizam em centrais

Em agosto de 1983 é fundada a CUT - Central Única dos Trabalhadores. Sua referência é a luta por salários e condições de trabalho, para enfrentar a classe patronal e o governo no sentido de romper com a estrutura sindical. O ano termina com inflação de 212% e queda na produção da indústria.

Em 1984, o 1º de Maio pede eleições diretas para presidente e uma nova política econômica. Dezenas de greves pipocam pelo País. Em Volta Redonda, os trabalhadores na Companhia Siderúrgica Nacional cruzam os braços pela primeira vez.

No ano seguinte acaba o governo militar. Tancredo Neves, eleito pelo Colégio Eleitoral, morre e não chega a assumir. Seu lugar é ocupado pelo vice, José Sarney.

A inflação está em alta e vai fechar o ano em mais de 250%. As greves voltam a exigir reposição salarial. Sarney decreta o Plano Cruzado, o primeiro grande pacote econômico, congelando salários e preços. Algumas categorias conquistam reajustes trimestrais. Trabalhadores

sem-terra ocupam áreas improdutivas exigindo a reforma agrária e criam o MST.

Perdas

Em dezembro de 1986 tem nova greve geral, a popularidade de Sarney cai e a inflação volta. O ano de 87 começa com os empresários exigindo o fim do congelamento e os trabalhadores reivindicando a recuperação das perdas salariais. Em agosto a CUT convoca nova greve geral.

No plano político, a luta pela democratização da sociedade continua com a campanha pela extinção das leis da ditadura. É o redesenho institucional do País a ser realizado através da elaboração de uma nova Constituição.



Primeiro Congresso da CUT aprova resolução de luta por eleições diretas para presidente da República

Constituição de 1988 amplia direitos

16 e 17 anos de idade.

Mas, reivindicações históricas do movimento sindical não foram alcançadas, como o direito de organização no local de trabalho, fim da unicidade sindical e o fim do controle do Estado sobre a negociação coletiva.

O ano fecha com infla-

ção de 1.000% e greves principalmente no setor público. Na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, o Exército volta a intervir na greve, entra na usina e mata três metalúrgicos.

Em 1989, o País vive uma desordem econômica e Sarney baixa o Plano Verão,

com congelamento de preços pelo pico e salários realinhados pela média.

A mobilização popular alcança seu auge nesse ano com as eleições presidenciais. Estão em disputa dois projetos políticos, que dividem a sociedade. Vence o projeto conservador, de cunho neoliberal.

Collor e FHC criminalizam movimentos sociais e sindical

Se os anos 80 passaram a ser conhecidos como a década perdida por causa da recessão econômica, os anos 90 serão a década destrutiva, com o Estado incapacitado de conduzir um novo ciclo de desenvolvimento. Os sindicatos adotam um movimento de resistência e buscam maior participação social com intervenções nos espaços institucionais.

A abertura econômica promovida por Collor desnacionaliza a economia, desestrutura diversos setores industriais e o desemprego vai bater recordes históricos, chegando a 20% nas regiões metropolitanas.

Alternativa

No 1º de Maio de 1992 a principal bandeira do movimento sindical é Fora Collor. Além das denúncias de corrupção no governo, seu plano de estabilização fracassa e o ano termina com inflação de 1.100%.

O movimento sindical tenta articular uma política alternativa de desenvolvimento através das câmaras setoriais.

Em 1994, já com Itamar

Franco na Presidência, os atos do 1º de Maio pedem uma política econômica sem recessão e sem as altas taxas inflacionárias.

No ano seguinte, com a estabilização econômica obtida pelo Plano Real, o governo FHC desmonta a política salarial e joga a polícia em cima dos trabalhadores.

Resistência

Em maio de 1995, o Exército reprime duramente a greve nacional de 32 dias realizada pelos petroleiros. Dois meses depois, o governo extingue a política salarial que garantia a reposição da inflação e implanta a livre negociação. No campo, a repressão mata e fere trabalhadores sem-terra.

Os anos 90 foram marcados pelo pensamento neoliberal, com baixo crescimento, recordes históricos de desemprego, desestruturação do mercado de trabalho e um processo de desregulação de direitos sociais. Foi uma década de resistência dos movimentos sindical e social e de sua busca na ampliação da democracia e cidadania.



O Exército ocupa refinaria de Capuava em maio de 1995. Tratamento de choque de FHC contra o movimento sindical

Flexibilização e desmonte público

Com a tentativa de eliminar os trabalhadores da cena política, FHC faz o processo neoliberal avançar, com desmonte das estatais e intenso processo de privatização. As empresas aumentam o processo de reestruturação.

Em 1996, o governo promove a primeira flexibilização da legislação trabalhista com a criação do contrato temporário, fazendo os sindicatos entrarem numa fase de resistência contra a precarização do trabalho. Em abril, em

Eldorado dos Carajás (Pará), a PM mata 19 trabalhadores rurais e fere outros 51.

Respeito

Em 1997, o MST coloca 30 mil pessoas em Brasília e no ano seguinte o 1º de Maio realizado na Praça da Sé dá início a uma grande caminhada a Brasília contra o desemprego.

Em agosto de 1999, a Marcha dos 100 mil ocupa a Esplanada dos Ministérios no maior protesto contra FHC.

O ano termina com juros em 45% e crescimento econômico nulo.

Em 2000, crise na base de sustentação de FHC, com denúncias de corrupção na privatização.

O 1º de Maio do ano seguinte pede respeito aos direitos trabalhistas e sociais, instalação da CPI da Corrupção, aumento real de salários e o pagamento imediato das perdas dos planos econômicos no Fundo de Garantia.

Agenda neoliberal	Agenda dos trabalhadores
Flexibilização e precarização dos direitos dos trabalhadores	Manutenção de direitos e instalação do Fórum Nacional do Trabalho para debater reformas
Favorecimento da Alca e alinhamento com os Estados Unidos	Política externa independente, favorecimento do Mercosul e parceria com países em desenvolvimento
Mercado domina economia. Privatizações e fim da intervenção do Estado	Participação do Estado na economia para garantir desenvolvimento sustentado e distribuição de renda
Guerra fiscal e ausência de leis reguladoras	Políticas regionais de desenvolvimento
Criminalização dos movimentos sociais, com perseguição a líderes de movimentos populares	Reconhecimento dos movimentos sociais como representantes da sociedade e interlocutores do governo, em várias negociações como o salário mínimo

Lula presidente muda pauta

Em 2002, com 52 milhões de votos, Lula (foto) é eleito o primeiro presidente operário do País e inverte a agenda dos temas em debate.

No lugar de flexibilização das relações de trabalho, promove ampla negociação com trabalhadores e empresários sobre a reforma sindical.

O processo não avançou na linha sindical defendida pela CUT, enfrentando resistências dos empresários e de setores reacionários do movimento sindical.

O crescimento da economia e da geração dos postos de trabalho permitiram um avanço das lutas sindicais,



Mesa de negociação para o aumento do salário mínimo

com a maioria dos trabalhadores conquistando melhores negociações nas campanhas salariais, com aumentos reais.

O governo Lula promove o desenvolvimento na área social, particularmente no

processo de redistribuição de renda e diminuição das desigualdades sociais, com aumento real do salário mínimo e políticas públicas voltadas às camadas mais pobres da população.